

A MÍDIA DIGITAL VALEPARAIBANA NA DISCUSSÃO AMBIENTAL: UM ESTUDO DO CASO DAS QUEIMADAS EM 2024

Daniel de Santana Alves, Sandra Maria Fonseca da Costa.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, dansantana.99@gmail.com, sandra@univap.br.

Resumo

Este artigo objetiva analisar a cobertura midiática na Região Metropolitana do Vale do Paraíba a respeito das questões ambientais, com o recorte das queimadas, ocorridas em 2024. Aborda-se casos nacionais e internacionais em que os veículos de informação foram cruciais para o fortalecimento da discussão ambiental. Para realizar esta pesquisa, foi realizado um levantamento do noticiário entre os meses de abril e outubro de 2024, dos principais meios jornalísticos valeparaibanos digitais (G1 Vale do Paraíba, O Vale e SP Rio+), identificando o veículo, o conteúdo da notícia e de que forma a cobertura se tornou importante no debate socioambiental. De acordo com os dados, há um domínio do portal G1 Vale do Paraíba, representando 84,9% das notícias publicadas no período selecionado e uma preferência geral dos meios de comunicação por conteúdos informativos e não aprofundados sobre as queimadas (75,8% contra 24,2% respectivamente).

Palavras-chave: Justiça climática. Jornalismo. Meio ambiente. Mudanças climáticas. Vale do Paraíba.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação.

Introdução

O jornalismo pode ser entendido de diversas formas, uma delas é como um canal essencial de circulação de informações entre os fatos e a sociedade. É o que molda o imaginário e impacta o cotidiano (Ribeiro; Souza, 2023). O drama em torno do ineditismo transmitido pela mídia chama a atenção de quem recebe a informação e é justamente o que engaja a notícia.

Os veículos de comunicação de massa foram fundados a partir de um modelo de produção capitalista. Com a popularização das novas tecnologias, iniciada em meados do século XIX, houve o fortalecimento desse entendimento de que as mídias eram usadas como instrumento para reprodução do capital. Operando com essa função, estes veículos atuam como ferramenta de alienação nesta sociedade capitalista (Ribeiro; Souza, 2023, p. 10).

Em meio a este cenário, a função social exercida pelos jornalistas deve ser ressaltada, considerando que é a forma como a informação difundida recai na sociedade e a capacidade que o conteúdo produzido tem de transformar o ambiente em que o veículo se encontra, no micro ou no macro (Ribeiro; Souza, 2023, p.6). Sob este aspecto, há casos históricos em que a mídia exerceu um papel fundamental na proteção do meio ambiente no Brasil e no mundo.

A cobertura da Rádio Eldorado (hoje Estadão) sobre a poluição do Rio Tietê, em 1990, levou a uma mobilização nacional, alcançando mais de 1,2 milhão de assinaturas para a despoluição do rio, culminando na criação do “Projeto Tietê”, em 1992 (Sacoman, 2025). Após a transmissão nacional e a repercussão internacional dos casos históricos de vazamento de petróleo nos Estados Unidos, em 2010 (Timperley, 2025), e no Brasil, em 2019 (Terra, 2024), houve uma elevação da discussão sobre a urgência de uma transição energética, liderada por países vulneráveis às mudanças climáticas, mobilizações de organizações civis e trabalhos de lideranças científicas globais. O rigor na cobertura jornalística ambiental, somado às vozes mencionadas anteriormente, resultou no pacto global, em 2023, na COP 28, de Dubai, primeiro reconhecimento oficial da ONU sobre a necessidade da transição dos sistemas energéticos no mundo (Martins; Brotero, 2023).

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Para Pereira e Amparo (2018), as discussões ambientais não devem ser pautadas sem antes dar espaço aos que são mais afetados pelos problemas relacionados ao meio ambiente, entrando em consonância com o que Ribeiro e Souza (2023) defendem sobre o posicionamento da mídia em relação às responsabilidades sociais que um jornalista possui. Dessa forma, torna-se ineficaz noticiar sobre as mudanças climáticas e a justiça climática sem dar espaço para os povos originários, as pessoas pretas e a população do sul global.

Por isso, falar de justiça climática é necessariamente um chamamento para debater raça, já que existe a marca acentuada de um racismo que impõe aos mais vulneráveis, pelo demarcador racial, consequências climáticas. E as ciências jurídicas têm esse papel crucial, ao lado dos sistemas de justiça, de trazer para o debate o que seja justo, a partir da ação climática, em busca de uma verdadeira democracia que corresponda a uma sociedade sem desigualdades, sem discriminações, com lutas e valorização de minorias e a certeza que uns cidadãos não são piores do que outros somente pela cor de sua pele ou por seu lugar social (Pereira; Amparo, 2018, p. 2).

É importante ressaltar, entretanto, que além do forte apelo nacional e global, o meio ambiente também é um assunto regional, como o noticiário sobre os recordes de queimadas registradas no Vale do Paraíba, em 2024 (G1, 2024). Com ocorrência em todos os seis biomas do país em 2024, os focos de incêndio somaram 30 milhões de hectares de área afetada, superando a média histórica e tendo a Amazônia como o bioma mais afetado por este problema (MapBiomas, 2025).

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar a cobertura midiática na Região Metropolitana do Vale do Paraíba a respeito das queimadas e a forma como o noticiário regional aborda o meio ambiente e as mudanças climáticas.

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados os dados de pesquisas quantitativa e qualitativa. Foi realizado um mapeamento dos três principais veículos de informação digitais regionais (G1 Vale do Paraíba, O Vale e SP RIO+) que noticiaram as queimadas, em 2024, por meio de seus portais online. Foram contabilizadas e analisadas 33 matérias sobre o tema. A filtragem de notícias se deu entre os meses de abril, em que houve o início da cobertura sobre a região do Vale do Paraíba, até outubro, final do ápice da crise. Também foi realizada uma revisão bibliográfica a respeito do jornalismo de massa, o papel da mídia nas discussões ambientais, as mudanças climáticas, as queimadas, desigualdade climática e a discussão sobre racismo ambiental.

Resultados

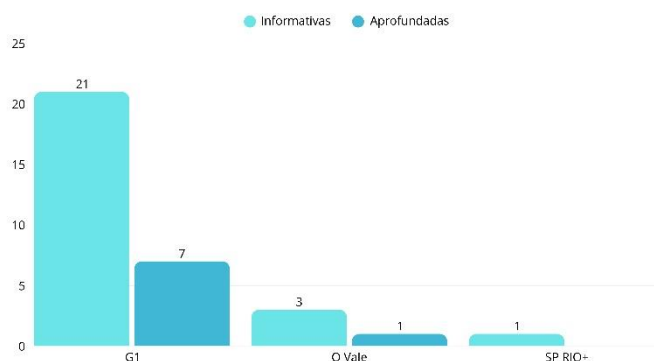
Após uma busca no noticiário regional, entre os meses de abril e outubro de 2024, foram identificados três dos principais veículos jornalísticos digitais que publicaram notícias sobre as queimadas: G1 Vale do Paraíba, O Vale e SP RIO+. Apenas o portal Meon, dentre os meios de comunicação com maior visibilidade na região, não publicou a respeito do tema. Ao todo, foram identificadas 33 matérias que abordaram a crise ambiental para o público do Vale do Paraíba.

Apesar de a informação jornalística ser de fato um produto de consumo da Indústria Cultural, ela só atinge um nível de envolvimento com aqueles que possuem um mínimo interesse. Definida como originária das sociedades industrializadas e produzida para atingir às massas, mesmo assim carrega em si mesma o fato de que se o receptor não estiver interessado ela não alcançará o seu objetivo final, seja manipulativo ou informativo (Monteiro, 2019, p. 4).

O portal G1 Vale do Paraíba foi o veículo com mais notícias sobre as queimadas de 2024, com 28 matérias publicadas, representando 84,9% do total identificado, seguido pelo O Vale, com 4 notícias (12,1%) e o SP RIO+, com 1 (3%). Dessa forma é possível conferir uma predominância do maior portal da região na cobertura midiática ambiental e uma disparidade de publicação de conteúdo a respeito das queimadas, em 2024, em relação aos outros veículos. A Figura 1 destaca a abordagem das matérias, separadas entre “aprofundadas” e “informativas”. Considerou-se “aprofundadas” aquelas que relacionaram o tema ambiental com outras áreas, ampliando o debate. Já as “informativas”, aquelas que serviram apenas como atualização de notícias anteriores ou complementando informações.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

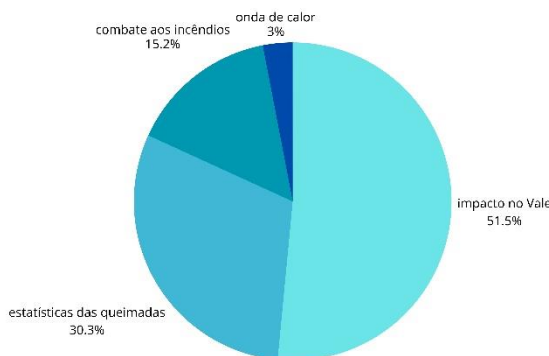
Figura 1 – Abordagem dos principais portais digitais valeparaibanos sobre as queimadas de 2024



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ao longo dos nove meses da crise ambiental nacional, 24,2% das matérias publicadas pelos veículos de informação valeparaibanos trataram o assunto com profundidade e 75,8% relataram brevemente os últimos acontecimentos do problema. Desse modo, se pode chegar à conclusão de que houve uma maior preocupação da imprensa em atualizar o caso do que em detalhar os principais motivos da crise ambiental e como ela afetaria a região. A Figura 2 apresenta os assuntos mais recorrentes entre as 33 matérias dos três portais digitais de notícias identificados.

Figura 2 – Temas recorrentes na mídia digital valeparaibana sobre as queimadas de 2024 entre abril e outubro



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Por esses dados se pode notar uma tendência de criar um conteúdo focado no micro (região) e pouca exploração do macro (crise nacional das queimadas), ou seja, não foi buscada uma cobertura sistêmica de como a questão ambiental afetaria o cenário da Região Metropolitana do Vale do Paraíba. Tanto a Figura 1 quanto a Figura 2 reforçam tal análise.

Os meses de agosto e setembro foram os que mais tiveram publicações sobre as queimadas pelos meios regionais de comunicação (6 e 15, respectivamente), enquanto os meses de abril, junho e outubro apresentaram o menor número de notícias veiculadas (2, 4 e 1, respectivamente). Não foram identificadas publicações nos três principais meios de informação sobre as queimadas nos meses de maio e julho.

Este é um grande dilema dos meios de comunicação de massa. Embora sua recepção seja mais democrática, pois pretende-se que seus conteúdos atinjam o maior número de pessoas, a escolha dos conteúdos é limitada a interesses econômicos e ao aumento da audiência. Por isso, o acesso às decisões do que deve ser transmitido

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

por esses meios é menos democrático. Afinal, o que acaba sendo transmitido são aqueles conteúdos que agradam ao gosto da massa, estatisticamente determinados por pesquisas (Dugnani, 2024, p. 7).

Discussão

O desafio para a discussão ambiental ser tratada com a devida relevância e importância no cenário regional deve ser ressaltada. Em uma situação de crise nacional, é motivo de questionamento o porquê da mídia valeparaibana não ter se aprofundado em conteúdos que explorassem as causas para as queimadas de 2024 e seu impacto nas cidades da região (8 conteúdos aprofundando o tema contra 25 apenas informativos). Com a predominância do G1 Vale do Paraíba na cobertura (84,9%), é notório que o tema precisa ser fomentado dentro da própria mídia regional.

Essa falta de prioridade no tema do meio ambiente em um cenário de calamidade pública faz voltar às ideias de Ribeiro e Souza (2023) sobre o impacto do capitalismo no jornalismo, segundo o qual reproduz-se uma hegemonia ideológica e deixa-se a opinião pública sem conteúdos que contraponham tal linha de pensamento. “A partir do momento que a massa está excluída dos debates projetados pela esfera pública burguesa, ela é naturalmente e consequentemente manipulada. E são os meios de comunicação que vão executar essa função” (Monteiro, 2019, p. 2).

A lógica colocada por Monteiro (2019) também é refletida nas afirmações de Dugnani (2024), sobre como a imprensa é capaz de conduzir o debate público por interesses próprios a partir da exclusão de determinadas pautas e pessoas com vozes capazes de trazer pluralidade de ideias.

Embora os meios de comunicação de massa produzam, segundo McLuhan (2016), uma extensão na percepção do indivíduo, além de propiciar maior velocidade no processo de comunicação e um aumento na quantidade de informações para um grande público (a massa), também acabam por produzir um efeito uniformizante, que desenvolve um processo de alienação, pois nem todos os conteúdos geram grande audiência, por isso o espaço para eles não é dividido de maneira igualitária. Nesse sentido, o espaço maior é dedicado àqueles conteúdos que podem criar maior audiência, limitando assim a diversidade de conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação de massa (Dugnani, 2024, p. 6).

Sendo assim, se torna relevante não apenas reforçar a discussão ambiental, mas dar espaço midiático para vozes que já sentem os impactos, seja na mudança de preços de alimentos em função de uma safra menor, na qualidade do ar por conta da poluição urbana ou das queimadas dos biomas, entre outros aspectos. É papel da imprensa também analisar a desigualdade climática e o racismo ambiental de uma forma representativa e aprofundada quando for tratar o meio ambiente em seu noticiário.

Conclusão

A mídia valeparaibana, no recorte das queimadas ocorridas em 2024, retrata temas ambientais com lacunas em sua cobertura, faltando um aprofundamento maior no conteúdo noticiário. Apesar da decisão dos veículos identificados em focar no microambiente, as mudanças climáticas e seu impacto em diferentes setores sociais torna obrigatória a análise também no macroambiente pelo aspecto sistêmico que o assunto traz consigo. Nesse sentido, iniciativas de cursos de atualização, focados nessa formação profissional e disponibilizados pelas empresas jornalísticas, se tornam fundamentais.

Referências

DUGNANI, Patricio. **Meios de comunicação de massa e meios digitais: Remassificação e internetilização**. Anagramas-Rumbos y sentidos de la comunicación-, v. 22, n. 44, 2024.

G1. **Queimadas neste ano no Vale do Paraíba já superam registros em 2023 e 2022, aponta Inpe**. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2024/09/02/queimadas-neste-ano-no-vale-do-paraiba-ja-superam-registros-em-2023-e-2022-aponta-inpe.ghtml>. Acessado em 28 de junho de 2025.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

MAPBIOMAS. **Área queimada no Brasil em 2024 supera média histórica em 62%.** MapBiomass, 2025. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2025/06/24/area-queimada-no-brasil-em-2024-supera-media-historica-em-62/>. Acesso em 28 de junho de 2025.

MARTINS, Américo; BROTERO, Mathias. **COP28 aprova transição dos combustíveis fósseis para fontes de energia limpas.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cop28-aprova-transicao-dos-combustiveis-fosseis-para-fontes-de-energia-limpas/>. Acesso em 19 de junho de 2025.

MONTEIRO, Milena Anunciada. **Comunicação de Massa x Indústria Cultural: uma Visão Crítica das Fontes de Informação.** 2019.

PEREIRA, Diego; AMPARO, Thiago de Souza. **Raça, clima e direito: um debate sobre justiça climática.** Diálogos Socioambientais, v. 6, n. 17, p. 10-12, 2023.

RIBEIRO, Isaac de Sousa; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **A função social do jornalismo, hegemonia e crise.** Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, v. 11, n. 24, p. e023024-e023024, 2023.

SACOMAN, Ana Carolina. **Abaixo-assinado liderado pela Eldorado fez governo criar Projeto Tietê para despoluir o rio.** Estadão, 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/150-anos/150-momentos/abaixo-assinado-liderado-pela-eldorado-fez-governo-criar-projeto-tiete-para-despoluir-o-rio/>. Acesso em 19 de junho de 2025.

TERRA, Tais. **5 anos após derramamento de óleo no NE, Foz do Amazonas enfrenta ameaças semelhantes.** Greenpeace, 2024. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/5-anos-apos-derramamento-de-oleo-no-ne-foz-do-amazonas-enfrenta-ameacas-semelhantes/>. Acesso em 19 de junho de 2025.

TIMPERLEY, Jocelyn. **What we've learned about cleaning up major oil spills since Deepwater Horizon.** BBC, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20240905-have-we-improved-oil-spill-clean-ups-since-bp-deepwater-horizon>. Acesso em 19 de junho de 2025.